

Os estudos árabes na revista *Collatio*

Aida Hanania¹

Resumo: Por ocasião da celebração do 15º aniversário e da publicação do número 200 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (EDF-FEUSP), alojadas em www.hottopos.com, este artigo apresenta um “memorial” dessa história editorial relativa a estudos árabes em *Collatio* e seus principais marcos.

Palavras Chave: Cemoroc. Revistas universitárias. Atividade editorial. Estudos árabes e orientais.

Abstract: On the occasion of the celebration of the 15th anniversary and the publishing of the volume #200 of the academic journals of Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (EDF-FEUSP), at www.hottopos.com, this article presents the landmarks of this editorial history concerning Arabic studies in *Collatio*.

Keywords: Cemoroc. University journals. Editorial activity. Arabic and Eastern studies.

Introdução

Desde o seu nascimento, marcado pela *Mirandum* No. 1, em julho de 1997, até 2012, nossas revistas – publicadas também no, então, inovador formato eletrônico e que com este número atingem seu volume 200 – têm apresentado muitos e importantes estudos e traduções referentes aos Orientes, sobretudo ao Próximo (estudos árabes) e também ao Extremo (chineses).

Os estudos árabes foram, na verdade, o núcleo gerador dessas publicações e de suas parcerias internacionais, anos antes da criação da [hottopos.com](http://www.hottopos.com) e mesmo da fundação institucional do Cemoroc. Hoje, momento de celebração desse grande empreendimento acadêmico, é grato recordar um pouco de sua história e... pré-história, no Centro de Estudos Árabes, fundado pelo Prof. Dr. Helmi Nasr, cuja figura evocamos em outro artigo deste volume, a propósito do nascimento dos estudos árabes na FFLCH-USP.

As publicações do Centro começaram em 1993, com a fundação da *Revista de Estudos Árabes* e com a coleção de livros “Oriente e Ocidente”, sob a direção de Helmi Nasr, AH e Jean Lauand, que, desde 1990, começou a cursar disciplinas do curso de Árabe na FFLCH. Lembro-me que, em 1991, o Prof. Nasr encarregou-me de dar aulas particulares a esse aluno especial, professor de filosofia e estudos medievais na FEUSP. Essas aulas logo se tornaram um grupo de estudos, com a participação de Mario Bruno Sproviero, coordenador da área de chinês.

Entre os colaboradores estrangeiros da *Revista de Estudos Árabes*, destacam-se o historiador da ciência Roshdi Rashed e o calígrafo Hassan Massoudy. Entre os autores nacionais, publicamos artigos de: Antonio Houaiss, Jamil Almansur Haddad, Jorge Medauar, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas e Milton Hatoum, entre outros.

Toda essa experiência e contatos foram transferidos para [hottopos.com](http://www.hottopos.com), quando de sua fundação em 1997, oficializando a parceria do Centro de Estudos Árabes e o EDF-FEUSP, que viria a se consubstanciar no Cemoroc: Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da FEUSP. Como de costume, as origens no Oriente...

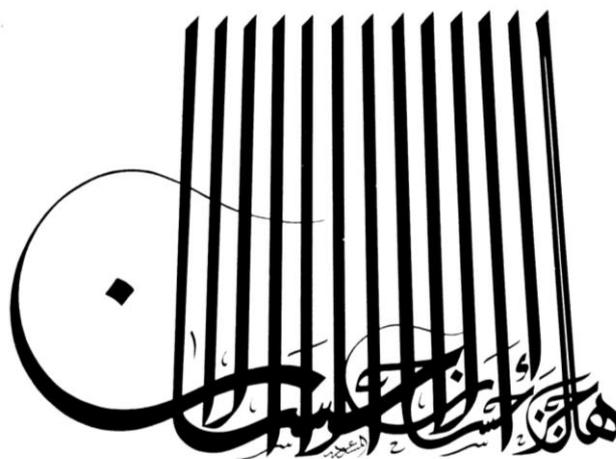
¹. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. aida.hanania@gmail.com

A nosso pequeno grupo inicial, viriam juntar-se jovens pesquisadores como Sylvio Horta e Ho Yeh Chia (hoje professores do curso de chinês na FFLCH-USP), e diversos autores da Universidad Autónoma de Madrid (nossos parceiros, desde as publicações do Centro de Estudos Árabes) e diversos outros colaboradores.

A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores estrangeiros

Neste artigo limitar-me-ei à revista *Collatio*. Já no começo de 1998, publicamos *Collatio* (nas referências seguintes abreviada por C, seguida do No. da edição), então dedicada a estudos árabes, em coedição com o *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos de la Universidad Autónoma de Madrid*, que já no Editorial fundacional falava da “nova mídia” (edição eletrônica na Internet) em que também se publicava a revista. Nesses primeiros números, contamos com notáveis artigos e entrevistas dos colegas da UAM: Nieves Paradela (C1 e C3); Ana Ramos (C1, C3 e C8); Aurora Cano, em entrevista sobre os manuscritos de *El Escorial* (C2); Pedro Martínez Montávez (C2); Serafin Fanjul (C2); Rosa Isabel Martínez Lillo (C3); Waleed Saleh Alkhalifa (C4 e C6) e Miguel Cruz Hernández (C5). Da Autónoma de Barcelona, Óscar de la Cruz Palma (C7). E do filósofo alemão Johannes Lohmann, um clássico: “Santo Tomás e os árabes” (C8). No campo das traduções, *Collatio* publicou: “Dom Quixote” do escritor sírio Hani al-Rahib; diversos textos de Algazali e a tradicional peça xiita: “O drama de Kerbela”.

Destaco também a entrevista do notável calígrafo iraquiano, radicado em Paris, Hassan Massoudy, de quem tive o privilégio de ser aluna em Paris e que honraria nossas revistas diversas outras vezes, com sua refinada arte. Dois exemplos de caligrafia do mestre em *Collatio*, ambas da sentença do Alcorão LV, 60: “Não será a bondade a recompensa da bondade?”



Dois artigos especialmente importantes são de autoria do renomado historiador da ciência Roshdi Rashed: “Os tradutores” e “Modernidade clássica e ciência árabe” (<http://www.hottopos.com/collat6/index.htm>).

A primeira revista *Collatio* e os estudos árabes: os colaboradores nacionais

Passo agora a relembrar, muito resumidamente, alguns aspectos das colaborações de pesquisadores brasileiros naqueles tempos.

De minha parte, alguns de meus artigos em *Collatio* foram dedicados ao papel da imagem na tradição árabe e, conseqüentemente, ao peculiar modo de encarar a palavra e - sempre em sintonia com Massoudy - à arte caligráfica.

Dada a desconfiança em relação à imagem, já na primitiva realidade árabe, os meios de expressão artística são, compreensivelmente, a poesia e a música: duas vertentes que se exprimem pela palavra e que são essenciais, porque procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescinde: o errante em particular.

O significado da existência insinua-se também na palavra indefinidamente repetida da parábola, do provérbio, do conto, cujas formulações tocam de perto o homem em seu cotidiano e em seu interior, facilitando a interpretação do mundo e da natureza.

O Alcorão surge como que determinado por e para essa realidade.

É o signo máximo, que deve ser lido, interpretado e decifrado em toda dimensão, porque traz o grande significado do Mundo e da Natureza em seus versículos, chamados apropriadamente *ayát*, isto é, sinais, cuja presença é inextricável da presença de Deus.

Na inspirada formulação de Flusser, em seu artigo “Ex Oriente Lux”², “Deus se manifesta escrevendo e o homem se aproxima de Deus, lendo aquilo que está escrito. Se o olho físico e mental do homem acompanha atento as curvas da letra, seu espírito é elevado em curvas até o espírito universal. É preciso sorver a letra em sua concreção compacta, se quisermos compreender a plenitude do termo 'verbo encarnado'. Deus está encarnado na letra. A letra e a escrita são o aspecto fenomênico e compreensível de Deus. Deus escreve. A palavra árabe que significa escrever consiste das letras KTB e estas letras denotam a atividade divina. Denotam, com efeito, o próprio fundamento da realidade que cerca o homem. Aquilo que é, é, porque assim está escrito: 'Maktub'. Deus se manifesta duas vezes. É autor de dois livros O primeiro é a natureza, o segundo é o Alcorão. Mas os dois livros, embora de forma diferente, são idênticos quanto ao conteúdo (...) O estudo do Alcorão é uma iniciação ao estudo da Natureza. O estudo da Natureza é uma procura de Deus”.

Como corpo da Revelação, a Caligrafia ou *Khat* é a própria identidade do Islão, exercendo-se como elo entre a Natureza e o Alcorão, ao plasmar os sinais de Deus em seu duplo sentido: sendo abstrata é, em certa medida, figurativa, visto ser a própria encarnação do Verbo; sendo visível presença da divina palavra, remete ao Invisível (*Ghayb*).

A Caligrafia não é, pois, uma arte em substituição à imagem. Na verdade, a palavra divina fêz-se imagem e como tal, é cultuada na tradição árabe.

Esta dimensão filosófico-religiosa radica, inevitavelmente, a Caligrafia na base da teologia muçulmana. O caráter desta relação profunda ressaltará sempre na

2. Flusser, V. “Ex Oriente Lux” *Cavalo Azul*, citado na *Revista de Estudos Árabes*, DLOFFLCHUSP, Ano I, nº 2, 1993.

Arte Caligráfica, mesmo quando dessacralizada ou utilizada de outro modo (como faz Hassan Massoudy, por exemplo, ao promover, por meio de sua arte, o teor humanístico do pensamento): pela reverência do traço, magnificência do estilo, solenidade do gesto e significativa presença da cor. Sobretudo pela estrutura física da escrita (privilegiada pela enorme plasticidade de que são dotados os caracteres árabes) realizando-se pela ordenação das letras em duas disposições: uma vertical que conduz à ascensão, representada principalmente pelo *alif* e pelo *lamm* e outra horizontal, que as junta, tecendo a unidade e o ritmo que virá a configurar o signo estético, seja ele de cunho religiosos ou não (cf. ilustração acima). A sacralidade, porém, passa a necessariamente integrá-lo.

Alguns dos artigos daquela época viriam a se tornar referências.

É bem o caso da conferência de Mario Sproviero *Los tres Orientes*, que dissipa a habitual confusão entre Oriente Médio e Oriente Próximo:

El Próximo-Oriente - El Próximo-Oriente está constituido por la cultura árabe. No fue siempre así. Tuvimos en el pasado innumerables culturas en este espacio: la cultura sumeria, la egipcia, la asiro-babilónica, la persa, la judía, la greco-romana, la greco-bizantina etc. Hoy se da el retorno de los judíos a Palestina, rompiendo el antiguo equilibrio. Hay que señalar que hoy se confunde el Próximo-Oriente con el Oriente-Medio. Habiendo un conflicto en Palestina, los medios de comunicación, en diversos países, hablan de un conflicto en el Medio-Oriente, mientras la televisión alemana en relación al mismo hecho se refiere al Próximo-Oriente (*Konflikt in Nahosten*). ¡Es como si el Próximo-Oriente no existiese más! El Próximo-Oriente, según Guénon, principia en los confines de Europa y se extiende por el Norte de Africa (...). El grupo árabe, en el mundo musulmán, es primordial pues con El, el Islam ha nacido y es la lengua árabe, la lengua tradicional de todos los pueblos musulmanes, cualquiera que sea su origen y raza. Al lado del grupo árabe, hay dos otros grupos principales, el grupo turco-mongólico y el grupo persa. El primero comprende los turcos y los tártaros, que aunque se distinguen racialmente de los árabes, de éstos dependen culturalmente. Todos éstos forman un conjunto que se opone al grupo persa, formando la separación más profunda que existe en el mundo musulmán, separación que se expresa, aunque no del todo exactamente, diciendo que los primeros son sunitas mientras los persas son shiitas. Sin embargo, también se encuentran grupos musulmanes en India y China. Persia (Irán), por su pasado, raza, cultura y religión antigua, e incluso geográficamente, tendría que pertenecer propiamente Oriente Medio, pero se ha tornado completamente musulmana.

El Medio – Oriente - El Medio-Oriente está constituido por el universo cultural índio y propiamente tendría que comprender dos civilizaciones: la hindú y la de los antiguos persas, pero ésta, como vimos, ha pasado a integrar el Próximo-Oriente y los descendientes de los parsis forman pequeños grupos en India y en el Cáucaso. Esta civilización india e hindú comprende en su unidad pueblos de razas bien diversas, con diversidad mayor que las encontradas en Europa. Sin embargo, todos estos pueblos son portadores de una misma cultura, de una misma lengua culta: el sánscrito. Esta cultura hindú se ha expandido (más en dirección del Levante que del Poniente) en ciertas regiones como

Birmania, Cambodia, Tailândia y algunas islas de Oceanía. Su mayor influjo se ha dado mediante el budismo, en gran parte de Asia central y Oriental.

El Extremo – Oriente - El Extremo-Oriente está constituido por el universo de la cultura china. Se extiende a Vietnam y a Corea. El Japón también ahí está incluido, principalmente por haber adoptado el sistema de escritura china. Sin embargo, posee también una cultura propia, con elementos bien característicos y diferenciados. Este mundo de Extremo-Oriente posee una unidad racial bien más acentuada que los otros Orientes. Lo que unifica esta cultura es principalmente la lengua escrita china común. Podríamos resaltar que el Tibete, pueblo de raza china, cuya lengua pertenece al grupo sino-tibetano, se ha dirigido hacia la cultura hindú y ha empleado un alfabeto derivado del alfabeto devanagari. (http://www.hottopos.com/collat3/los_tres_orientes.htm)

De Jean Lauand, especialmente a conferência “Ciência e Weltanschauung - a Álgebra como Ciência Árabe”, na qual mostra a correspondência entre as estruturas das línguas árabe e grega e as correspondentes ciências da Álgebra e Geometria. E também as conexões da Álgebra com o Alcorão, o Islam e sua teologia! (http://www.hottopos.com/collat2/el_coran_y_la_ciencia.htm. Em português no site: <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>).

Milton Hatoum brindou-nos com uma entrevista e o artigo “Escrever à margem da história” (<http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm#escrever>) e o saudoso Jamil Almansur Haddad, a saborosa conferência *Interpretações das Mil e uma Noites* (<http://www.hottopos.com/collat6/jamyl.htm>).

Em “Personagens árabes na obra de Jorge Amado”, Jorge Medauar nos transmite o depoimento do próprio autor sobre um de seus árabes:

Circulando em seus romances, vindos de Ilhéus, de Itabuna, Água Preta ou Salvador, seus árabes ou descendentes caminham em seu universo com a mesma naturalidade dos tabaréus, coronéis, bacharéis, prostitutas, malandros, trabalhadores de roça, capoeiristas, jagunços, gente anônima das ruas. E muitos entraram em sua obra tão marcantemente como Jubiabá, Guma, ou Tereza Batista, transformando-se no personagem principal, naquele em torno do qual se desenrola a história ou o romance.

É bem o caso de Nacib, de *Gabriela, Cravo e Canela*, e desse fabuloso Fadul Abdala, de *Tocaia Grande*, que tivemos a honra de conhecer ainda no embrião da história. Em outubro de 1983, quando Jorge Amado principiava a escrever seu romance, mandou dizer-nos, em carta:

"Este meu romance da 'face obscura' está cheio de árabes: um deles, Fadul Abdala, personagem fundamental, é porreta. Aliás, aconteceu uma coisa engraçada: para contar uns percalços de Fadul, acabei escrevendo uma noveleta (45 páginas) de árabes em Itabuna, mas eu a retirei do contexto do livro onde ela pesava demasiado sobre a história do lugarejo - cujo nome é Tocaia Grande, futura Irisópolis. Mas, quando terminar o livro, voltarei a trabalhar a noveleta da luta entre Deus e o Diabo pela alma de Fadul". (<http://www.hottopos.com/collat7/medauar.htm>).

De Antônio Houaiss, publicamos a conferência *As projeções da língua árabe na língua portuguesa* (<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>), fruto de sua inesquecível participação na “Semana de Cultura Árabe”, organizada pelo Centro de Estudos Árabes, em 1986, publicação que contou com a edição do próprio autor.

Muito se poderia rememorar a partir da retrospectiva dos quinze anos de reiterado êxito das publicações do CEMOROC, não fosse o imperioso sentimento – tenho certeza, de todos quantos colaboramos com este empreendimento acadêmico – de gratidão sincera e emocionada ao mentor e realizador maior deste projeto: Jean Lauand, que, desde sempre, colocou a serviço da *res academica*, seu imenso cabedal cultural, sua imensurável capacidade de trabalho e sua infinita dedicação intelectual. A nós, que temos tido o privilégio de acompanhar e, por vezes, participar de sua trajetória, cabe aqui agradecer e o fazemos *ab imo pectore*.

Recebido para publicação em 15-07-12; aceito em 15-08-12